

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 7

Julho de 1920

Ano LXXII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*  
Composição e impressão na TIPOGRAFIA DA EMPRESA DIARIO DE NOTICIAS  
Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

## LIÇÕES DA GRANDE GUERRA

(Continuação)

No exército francês empregaram-se já em larga escala, na recente guerra, as espingardas automáticas, que foram distribuídas à infantaria na razão de 30 por companhia.

O modelo empregado era o de 1917, que consistia numa transformação da espingarda modelo 1886, permitindo o funcionamento automático pela acção dos gases.

O atirador pode executar seguidamente 5 tiros (os do carregador) sem tirar a arma do ombro. Obtem-se assim uma maior rapidez e precisão no tiro.

Cada atirador dispõe de 24 carregadores na totalidade de 120 cartuxos.

O carro de munições transporta 26:600 cartuxos. O sistema mais moderno de espingarda automática, utilizado na última guerra, foi o Browning-Rifle, mod. 1918, que obtem o resfriamento pela aeração. Foi empregado pelos norte-americanos.

Alem da posição da arma *em segurança*, póde adoptar as posições para o tiro *automático* ou para o tiro *semi-automático*.

Funcionando automaticamente dispara 20 tiros em  $2\frac{1}{2}$  segundos, tempo que é também o suficiente para carregar de novo o depósito. Só depois de disparados 350 tiros é que se torna indispensável a interrupção do fogo para o resfriamento do cano.

A Browning-Rifle pesa 6,795 quilogramas; o atirador pode executar o tiro apoiando-a, quer ao ombro, quer ao quadril.

Os norte-americanos empregaram também as espingardas automáticas Benet-Mercier, Colt, Lewis e Hotchkiss.

As espingardas automáticas são vantajosamente empregadas pelas tropas destinadas ao assalto das posições inimigas.

São as armas mais próprias para nesta fase do combate responder ao fogo das metralhadoras inimigas, que não tenham sido destruídas pelo fogo preparatório da artilharia.

Devem ser manejadas por homens robustos, bons atiradores, instruídos e desembaraçados que, reunidos em grupos ou secções e gozando de uma grande mobilidade possam acudir rapidamente ao ponto da linha de combate onde a sua acção fulminante seja reclamada pela violencia da luta.

### **A organização das metralhadoras**

A constituição orgânica das metralhadoras, ou o seu *agrupamento táctico*, deverá, em tése, ser subordinado ao seu funcionamento em combate, sem preocupação da organização militar existente em qualquer país, pois que, conforme dizia Lewal, seria ilógico crear uma táctica em harmonia com uma caprichosa constituição das unidades, sendo mais racional e mais práctico organizar estas unidades em conformidade com as necessidades tácticas, com as exigencias do combate moderno.

O bom funcionamento das metralhadoras no campo de batalha é função das características desta arma: das suas propriedades balísticas, das suas condições de mobilidade, manejo, forma e facilidade de transporte, etc.

Assim, as características da metralhadora e o seu apreciavel rendimento, ou a *massa de fogos produzidos num dado momento* são as determinantes naturais do judicioso emprego desta potente arma de guerra; dêste emprego, ou funcionamento em combate, deverá, em rigôr, derivar o seu agrupamento táctico, base fundamental da sua constituição orgânica.

Conquanto a metralhadora possa, em determinadas circunstâncias, lutar vantajosamente contra a infantaria e a cavalaria, o seu inferior alcance não lhe permite, porém, lutar de frente com a artilharia.

Isoladamente, a sua acção, embora mortifera, não poderia

assegurar o éxito; mas empregada como auxiliar das outras armas, a metralhadora tem uma acção eficaz, verdadeiramente importante e por vezes decisiva.

### **Agrupamento táctico**

Duas correntes diversas se haviam estabelecido relativamente ao agrupamento táctico das metralhadoras, subordinadas a critérios ou pontos de vista especiais, senão antagónicos.

Considerando as metralhadoras como um simples auxiliar da infantaria e da cavalaria opinava-se, por um lado, que conviria distribuir a cada batalhão de infantaria e a cada grupo de esquadrões de cavalaria uma secção de metralhadoras, constituída por duas ou três peças, deixando-se à iniciativa dos comandantes daquelas unidades o judicioso emprego destas armas em combate.

Era a disseminação uniforme das metralhadoras que se preconizava, pretendendo-se dar-lhe desde logo a consagração regulamentar, sem atender a que, por êste critério, se iria sobrepôr a pequena importancia da defesa local a uma defesa mais eficaz de conjunto, pela racional distribuição de nucleos importantes de metralhadoras, segundo as vistas do comando superior.

Outra concepção, porventura mais racional, atribue ás metralhadoras o papel táctico duma reserva de fogo, extremamente movel e rápida, que deve ficar á disposição do comando para a aplicar segundo as necessidades emergentes da luta, quer empregando-a em acção de conjunto para produzir o efeito decísivo, quer fraccionando-a convenientemente para reforçar a infantaria nos pontos em que a sua acção fulminante seja reclamada.

Como, porém, nesta última hipótese a acção do comando poderia não ser pronta e eficaz em atender ás necessidades de toda a linha, deixando por vezes escapar o momento psicológico da intervenção das metralhadoras, o agrupamento táctico regulamentado nos países, que mais cuidadosa e proficientemente estudaram o problema, visa a atender na medida do possível ás duas correntes ou critérios expostos.

Assim, ao estalar a ultima guerra, os regimentos da infan-

taria alemã tinham adstrita uma companhia de metralhadoras, a 13.<sup>a</sup>, compreendendo 3 secções a duas peças, com pessoal recrutado entre o mais idoneo de todo o regimento.

O efectivo da companhia de metralhadoras era de 4 oficiais, sendo um de cavalaria para dirigir o serviço do gado, 15 sargentos e cabos e 83 soldados, bem especializados durante todo o tempo do seu serviço militar activo.

Havia também companhias de metralhadoras independentes, 3 secções de duas peças Maxim (mod. 1906), com 14 viaturas, 90 cavalos e 130 homens.

A dotação de cada metralhadora estava fixada em 14:550 cartuxos.

Estas unidades independentes, constituindo pela sua reunião grupos fortes de 3 companhias, ficavam adstritas ás *reservas tácticas* ás ordens do comando para serem convenientemente empregadas no momento oportuno.

Os ensinamentos da guerra foram indicando as modificações a introduzir na constituição orgânica das diversas unidades de metralhadoras, segundo as vantagens do seu emprego.

Assim, cada regimento de infantaria, em lugar duma companhia de metralhadoras a 6 peças, passou a ter 3 companhias a 8 peças, prefazendo um total de 24 metralhadoras.

Os grupos de metralhadoras affectos ás reservas tácticas á disposição do comando elevaram-se na Alemanha a 113, sendo 53 na frente francesa e 60 na oriental.

Alguns grupos eram constituídos só com 2 companhias; os restantes grupos com 3.

Cada companhia dispunha de 6 metralhadoras.

Na ultima reorganização das divisões alemãs na frente ocidental, em que o efectivo da infantaria foi reduzido, sendo representado por 3 regimentos a 3 batalhões de 5 companhias, passou a 5.<sup>a</sup> companhia de cada batalhão a ser constituída por pessoal escolhido para o manejo e manobra de 12 metralhadoras pesadas, que lhe foram distribuidas.

Constatou-se, pois, uma redução de infantaria a favôr das unidades de metralhadoras.

A divisão assim reduzida a um efectivo de 12:000 homens dispunha, consequentemente, de 108 metralhadoras.

A poderosa e incontestável força que as metralhadoras alemãs demonstraram ao invadir a França em 1914 não deverá atribuir-se só á sua superioridade numerica, mas, principalmente, á utilização táctica desta arma e ao seu rendimento no combate.

Os resultados obtidos na guerra eram a consequência lógica da sua racional organização e cuidadosa preparação durante a paz.

Na França a unidade adoptada era a secção de duas peças, teoricamente unidade de regimento dependendo do coronel, mas que na prática se tornou unidade de batalhão sob as ordens do respectivo comandante.

A concepção francesa visava a considerar as metralhadoras como reforço de fogo.

Flexiveis, dotadas de extrema mobilidade, carecendo apenas de um restrito espaço para se estabelecerem atrás de qualquer cobertura natural do terreno, as metralhadoras eram consideradas como particularmente aptas a reforçar o fogo das fracções já empenhadas em combate.

Toda a tropa cuja função fosse actuar pelo fogo deveria, em consequência, dispôr de algumas metralhadoras agrupadas em unidades muito moveis, habituadas a fazer parte de corpos de tropas regulares e empenhando-se no combate segundo os principios ou normas por elas seguidas.

Na Alemanha, como acima dissemos, as metralhadoras que constituíam a reserva de fogo ás ordens do comando eram organizadas em grupos independentes, fortemente enquadados, verdadeiros corpos de elite especializados, usando mesmo um uniforme especial. O comando dispensava a esta arma a maior importância, estando muito familiarizado com o seu emprego táctico.

O criterio alemão sobre o emprego das metralhadoras ressaltava da essencia das suas prescrições regulamentares, concretizada nos seguintes periodos:

„A característica das metralhadoras consiste em fornecer

durante um lapso de tempo muito curto fogos nutridos e concentrados.

São elas particularmente aptas ás acções bruscas, violentas e de curta duração.

A sua potencia aumenta pela facilidade de reunir várias peças em um espaço restrito.

Alem disso, as metralhadoras teem tambem marcado o seu emprego nos momentos decisivos.

Daí resulta que para produzirem o seu efeito máximo, devem ser postas em acção durante certas fases da luta e sobre determinados pontos da linha de combate."

As metralhadoras consideradas como reserva de fogo, eram, por consequência, adstritas pelos alemães ás *reservas tácticas*, constituindo, como estas, verdadeiros *orgãos de comando*.

Ficam por esta forma sucintamente definidas as tendencias das duas nações rivais, na parte respeitante ao emprego das metralhadoras no combate.

Dentro desses dois criterios se devem procurar as razões determinantes do agrupamento das metralhadoras em outros exercitos.

### **Aumento progressivo das metralhadoras e das espingardas automaticas nos exercitos beligerantes**

No decurso da ultima guerra as metralhadoras foram adquirindo uma importancia sempre crescente, mercê dos successivos aperfeiçoamentos realizados nesta arma de efeitos fulminantes pelos seus fogos terrivelmente mortiferos.

Daí o aumento progressivo das unidades de metralhadoras na constituição dos exercitos beligerantes.

No inicio das operações o numero de metralhadoras por cada milhar de homens regulava, em geral, de 2 a 4.

Esta proporção começou desde logo a aumentar progressivamente, atingindo numeros verdadeiramente extraordinários em alguns exercitos, não sendo possivel subordinar essa proporção a principios basilares orgânicos, tornando-se só dependente dos recursos de cada exercito beligerante.

Manteve-se por algum tempo essa proporção entre 8 a 12

metralhadoras por 1000 homens; mas em breve foi excedida.

No nosso C. E. P., que se amoldou á organização do exercito inglês em França, a cada batalhão de infantaria correspondiam 20 metralhadoras, sendo 4 pesadas e 16 ligeiras.

Na organização do exercito americano que combateu em França nota-se que em cada brigada de infantaria, forte de 6 batalhões a 3 companhias de 200 homens, correspondiam 300 metralhadoras, sendo 216 ligeiras e 84 pesadas.

Na divisão americana, de que faziam parte duas brigadas de infantaria, havia ainda um batalhão de metralhadoras a 4 companhias, só dependente do comando.

Constata-se, pois, que os Estados-Unidos, pelos seus vastos recursos, organizaram desde principio o seu exercito de campanha com mais larga dotação de metralhadoras do que qualquer outro exercito beligerante.

A guerra de trincheiras concorreu, indiscutivelmente, para o extraordinário aumento do metralhador nos exercitos que combateram no teatro ocidental da grande guerra.

O numero de espingardas automáticas distribuidas ás unidades de infantaria foi aumentando na mesma proporção, de forma que a média do numero de armas automáticas (metralhadoras e espingardas) variou em poucos meses de 20 a 30, relativamente a cada milhar de homens nas grandes unidades, com tendencias sempre crescentes, devendo acentuar-se que em alguns casos, em determinados pontos da frente ocidental, essa proporção chegou a atingir 80 por milhar de homens, devido á extrema violencia adquirida pela luta nesses pontos da linha de batalha, vivamente disputados pelos contendores.

No entanto, no computo do numero regulamentar de armas automáticas (metralhadoras e espingardas) a distribuir ás grandes unidades, considera-se como dotação normal para uma divisão mobilizada a totalidade de 378 armas, desdobrando-se em 108 metralhadoras e 270 espingardas.

O progressivo aumento das armas automáticas, constatado nos quatro anos de operações da grande guerra, demonstra por forma iniludível a extraordinária importância e o incontestável poder de destruição que estas apreciadas armas representam no combate moderno.

## V

**O transporte das metralhadoras**

Os ensinamentos dimanados da grande guerra, tendendo a assinalar o gráu da crescente importância das metralhadoras, demonstram também a incontestável vantagem de lhes imprimir uma grande mobilidade, não só para poderem acompanhar e apoiar a cavalaria na sua missão exploradora, mas principalmente para manobrem no campo de batalha, onde as imperiosas exigências da luta impõem, por vezes, a deslocação rápida desta arma, já para que a sua acção fulminante determine a decisão do combate, já para se subtraír aos fogos que a artilharia contrária faça sobre ela convergir de posições a que o seu menor alcance não lhe permita responder.

A mobilidade da metralhadora sendo, em parte, função do seu pêso, depende principalmente da sua fórmula de transporte.

Os processos ou modos de condução da metralhadora dum para outro local são diversos, mas os mais geralmente empregados são:

- a) A dorso;
- b) Em viaturas;
- c) Directamente sôbre rodado;
- d) Em side-car;
- e) Sôbre automóveis simples;
- f) Sôbre automóveis blindados.

O transporte a dorso de solípedes estava bastante generalizado, antes da última guerra, para as metralhadoras ligeiras.

É o mais vantajoso meio de transporte nos países ou regiões acidentadas.

Em geral, o solípede suporta um baste, no qual dum lado se monta a metralhadora e do outro o reparo ou o tripé-reparo.

A Schwarzloe austriaca era transportada por essa fórmula.

O mesmo se praticava em Italia com a metralhadora Perino.

O transporte a dorso do homem só tem logar com metralhadoras ligeiras de pequeno pêso na guerra de montanhas. E' empregado pelas companhias alpinas da Suissa e pelos húngaros que defendem os Carpathos.



Na França o transporte do material ligeiro pelas estradas também se fazia a dōrso, ou em pequenas viaturas rodadas; nas zonas de fōgo era, todavia, conduzido pelos homens.

A metralhadora pesada Vickers de 7,<sup>mm</sup>7, empregada pelos ingleses assim como pelas tropas portuguezas do C. E. P., podia ser transportada em viatura rodada ou a dorso.

Nēste último caso empregava-se um arreo especial permitindo que entre a metralhadora e respectivo tripé fosse transportada a caixa de ferramentas.

Em alguns exércitos, como succede no da Suissa, adópta-se o transporte a dorso para as companhias de 6 metralhadoras de montanha, e o transporte em viatura para a companhia de 6 metralhadoras ligeiras, adstrita a cada batalhão de infantaria; mas ainda, nēste último caso, os cavalos de tiro, em determinadas circunstâncias, podem efectuar o transporte a dōrso.

As viaturas que conduzem as metralhadoras ligeiras de batalhão são-puxadas a 1 cavallo.

São, todavia, puxadas a 4 cavalos as viaturas que transportam as metralhadoras dos grupos montados, constituídos por 3 companhias e 6 metralhadoras, á disposição do comando de cada divisão.

Destas 18 metralhadoras, 12 são destinadas ao combate próximo e 6 ao combate afastado.

Um dos melhores sistemas de viaturas para o transporte de metralhadoras é o adoptado no exército alemão.

O sistema de viatura, que é puxado a 4 cavalos, comporta um armão (carro anterior) com 4 cunhetes de munições e diversos utensilios, e o carro posterior que transporta a metralhadora com o reparo, além de 3 cunhetes de munições.

Quatro serventes vão sentados nos carros, dois no anterior e dois no posterior, um de cada lado da metralhadora.

Este material póde acompanhar também a cavalaria.

O transporte da metralhadora directamente sobre rodado pode realizar-se sendo este puxado por 1 ou 2 homens, ou engatando-o ao carro de munições, como succede com a metralhadora Maxim portuguesa de 6,<sup>mm</sup>5 mod. 1906, que é puxada por um solipede.

*(Continua)*

ADRIANO BEÇA  
General

## CRONICA DO EXERCITO ESPANHOL

*Importantes reformas no serviço de aeronautica.* Tinha-mos ultimamente <sup>1</sup> dado noticia da reorganização das tropas de aeronautica do exercito espanhol, separando-se os dois ramos de serviço — *aerostação e aviação* — e constituindo-se com as tropas de aerostação um batalhão com 3 companhias activas e uma de deposito, e a mesma composição fora dada ao serviço de aviação.

O Estado Maior Central do exercito, continuando a pôr gradualmente em execução o plano da reorganização de 1918, acaba de dar um importante desenvolvimento ao *serviço de aviação*. Como complemento á criação no Ministerio da Guerra da direcção de aeronautica (R. O. de 19 de julho de 1918), foi publicado o decreto (R. O-março de 1920), dividindo o territorio da provincia, para os efeitos da organização e distribuição das forças e serviços da *aeronautica militar* em 4 zonas ou *bases aereas*, cujas sédes são: Madrid, Saragoça, Sevilha e Leão.

A 1.<sup>a</sup> zona (*central*), abrange as regiões militares 1.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup>, com exclusão da provincia de Samora; a 2.<sup>a</sup> zona (*norte*) compreende as regiões militares 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup>, com exclusão das provincias de Palencia e Santander; a 3.<sup>a</sup> zona (*sul*) é constituída pela 2.<sup>a</sup> região militar; a 4.<sup>a</sup> zona (*noroste*) compreende a 8.<sup>a</sup> região e mais as provincias de Samora, Palencia, Santander.

Em cada zona ou base aerea haverá: *a*) um comandante (que será o official mais graduado do Estado Maior ou de qualquer das armas que, com o titulo de piloto, aí preste serviço) com os servicios tecnicos, administrativos e sanitarios que forem julgados indispensaveis; *b*) uma officina ou fabrica; *c*) um aerodromo principal com barracões para recolher 60

<sup>1</sup> Veja-se *Revista Militar* de abril de 1920

aeroplanos; *d*) um armazem ou parque com diversos artigos de reserva; *e*) abrigos subterraneos ou blindados para um milhão de litros de combustivel liquido, 100.000 de lubrificantes e 500 toneladas de bombas; *f*) 4 esquadrilhas, sendo 3 de reconhecimento e uma de combate; *g*) um grupo de tropas para o serviço destas esquadrilhas, á razão de uma companhia por esquadrilha.

Além destes elementos, haverá em cada zona um numero variavel de escolas de aviação, distribuidas pelas regiões militares segundo as necessidades e as condições climatologicas e de alojamento. Cada esquadrilha formará 2 escalões, um volante e outro rodado para transporte e as tropas em harmonia com o numero de maquinas e especie de material, assim como o numero de pilotos e pessoal especializado julgado necessario.

As *baes aereas* ficam dependendo da administração central sob o ponto de vista tecnico e administrativo, e as tropas, ainda que dependentes do director de aeronautica, ficam subordinadas á autoridade regional militar no que diz respeito á inspecção, disciplina, emprego tactico e regime interno.

Como se vê, os serviços aeronauticos vão adquirir um grande desenvolvimento, o que exigirá construções importantes e uma enorme despesa, procurando-se realizar este plano pouco a pouco, mas num praso relativamente curto.

O serviço postal aereo começou já a funcionar entre Barcelona, Alicante e Malaga, tendo chegado a Alicante no dia 1 de abril uma esquadrilha de 5 aeroplanos, vindos de Barcelona com correspondencia postal.

*Academias militares*: A) *Academia de infantaria*. Na forma dos anos anteriores, e em harmonia com o regulamento organico das academias militares, vão realizar-se os trabalhos praticos e de applicação das diferentes academias. Os trabalhos gerais são dirigidos pelo coronel director da academia; e os especiais, sob a direcção dos professores das diversas cadeiras para esse fim nomeados.

De 24 a 30 de abril tem lugar os exercicios tacticos de marchas, estacionamentos e combates nas imediações de Toledo. De 3 a 12 de maio os alunos vão instalar-se no

acampamento de Alijares, em tendas fornecidas pela intendencia. No dia 11 efectuarão uma marcha a Polar e Guadamur, onde acantonarão, regressando no dia 12 a Toledo.

Terminados os trabalhos, o director enviará um relatório dos trabalhos executados, alterações introduzidas, e propostas que a pratica tiver aconselhado.

B) *Academia de Intendencia*. Os alunos desta academia realizam tambem trabalhos e uma viagem de instrução. Os exercicios de caracter geral terão lugar de 3 a 10 de maio, realizando-se duas marchas ordinarias de Avila a Arévalo, pernoutando a companhia de praça em Vila Gomez, e a companhia mixta em Adanero. Em Arévalo a academia organiza nas imediações um acampamento administrativo, onde serão realizados varios exercicios, regressando depois em caminho de ferro a Avila. Nestes exercicios tomam parte 4 officiais superiores, 4 capitães, 5 tenentes, 1 medico, 1 capelão, 1 veterenario, 1 chefe de musica, 106 alunos, 73 praças de pré e 51 solipedes com o material necessario. A viagem de instrução teve lugar de 9 a 20 de abril, tomando nela parte 33 alunos do 3.º ano, que para esse fim formaram 2 grupos.

O 1.º grupo sob a inspecção do coronel director da academia e sob o comando do professor de tecnologia, foi visitar Logroño, S. Sebastian, Renteria, Pasages, Tolosa, Berain, Vitoria e Burgos, onde examinaram o parque de intendencia, o matadouro municipal, as fabricas de conservas e de farinhas e as adegas franco-espanholas (Logroño); o fabrico de fornos fixos (Ayesteran); as fabricas de bolachas e de tecidos (Renteria); os armazens e estaleiros (Pasajes); a fabrica de redes metalicas e curtidos (Tolosa); a fabrica de construções metalicas, carruagens e vagões de caminho de ferro (Bessain); o hospital militar, o parque de intendencia, as fabricas de massas, de calçado e de curtidos (Burgos).

O 2.º grupo, sob a direcção do chefe de estudos, e sob o comando de um major, professor, vai a Palencia visitar a fabrica de mantas e oficinas mecanicas de carpintaria, ferraria e fundição; depois a Santander, visitar as oficinas de construção de caldeiras e turbinas hidraulicas, as fabricas de destilação e refinação de petroleo, os altos fornos da «Nueva Montaña», as fabricas de farinhas; e, em Torrelanega, as fabri-

cas de curtidos e de juta, a serraria mecanica e os produtos quimicos e a «Assucareira Española». Detendo-se ainda em Burgos, para visitarem os importantes estabelecimentos desta cidade, regressam a Avila.

Como vemos, as visitas de instrução dos alunos da academia de intendencia tomam este ano um grande desenvolvimento.

C) *Academia de saude militar*. Os trabalhos de applicação da academia de saude realizar-se-hão nos arredores de Madrid na segunda quinzena de junho. Será para esse efeito organizada uma ambulancia mixta, devendo os alunos desempenhar todas as funções que lhe são inherentes: chefes de secção, condutores, serventes, praticantes, manejo com o material sanitario; levantamento e assistencia de feridos no campo de batalha, devendo-se para isso organizar os diversos escalões sanitarios; evacuação de feridos; analise de aguas, inspecção de alimentos e reconhecimentos do terreno para a instalação das diversas formações sanitarias. Nestes exercicios tomam parte 2 officiais superiores, 2 capitães e 22 alferes medicos-alunos.

*Uma ordem da Capitania Geral de Madrid a proposito da incorporação dos recrutados*. Aproximando-se a epoca da incorporação dos recrutados, o capitão general de Madrid mandou publicar uma ordem-circular, que nos deve merecer toda a atenção. Diz ele nessa ordem: «Estando proxima a incorporação dos recrutados, chamo a atenção dos generais chefes, officiais e officiais inferiores para a conveniencia que ha em que os recrutados sejam recebidos nos corpos com especial affecto de modo a facilitar a transição da vida civil para a vida militar; e ao mesmo tempo todos se devem esforçar em fazer-lhes comprehender que veem como cidadãos espanhóis a cumprir a nobre e importante missão que a Patria lhes confia, qual é cooperarem na defesa contra os inimigos externos e contra os que, sem se darem conta da gravidade do periodo historico que atravessamos, pretendem crear obstaculos no interior do país, á prosperidade da nação, retardando que esta volte a ocupar o elevado lugar que na ordem internacional ocupou e que lhe corresponde pela sua historia e situação geografica.

Para conseguir isto, recomendo a todos que procurem com todo o cuidado desenvolver a instrução individual dos recrutas, tanto na ordem material, como moral, convencido de que o aperfeiçoamento desta instrução contribue para que, no momento em que a Patria de nós precisar, possamos ter não só soldados disciplinados, como cidadãos conscientes do seu dever militar, não se esquecendo estimular o companheirismo, tão necessario no exercito.

O exacto cumprimento dos preceitos dos regulamentos vigentes, inspirados todos no desejo de aperfeiçoar não só a instrução, senão a educação da tropa; o dedicarem-se os officiais nos corpos ao ensino da parte moral, explicando e desenvolvendo o significado da Patria, assim como o que simboliza a bandeira e a que obriga o seu juramento; a representação do Rei; a missão social do exercito, como órgão encarregado de manter a ordem no interior e a integridade nacional, desenvolvendo conjuntamente as aspirações do país na guerra; o culto da subordinação e da disciplina, verdadeiras bases em que assenta o poder militar; o valor, o amor da gloria e a recordação das façanhas dos nossos illustres antepassados, que tão grande fizeram a Espanha; tudo isto contribuirá para desenvolver nos recrutas o amor da patria, e, inspirados neste santo ideal, lograremos que, no momento em que esta o necessite, possamos oferecer-lhe todos o sacrificio das nossas vidas sem a menor vacillação, cumprindo com o nosso dever de cidadãos e de espanhois."

Se no nosso exercito todos os officiais se compenstrassem deste dever e necessidade de educar os soldados e só nisso pensassem, como um dos maiores deveres profissionais, muito haveria a ganhar, porque lhes não sobraria tempo para intretenimentos... politicos.

*Os officiais de complemento.* Com o fim de completar os quadros de capitães, subalternos e sargentos das unidades dos corpos e serviços no caso de mobilização em virtude de guerra ou de grave alteração da ordem publica, foram organizados os quadros de complemento, previstos na reorganização do exercito de 29 de junho de 1918, sendo por isso suprimida a reserva gratuita, e passando os officiais que dela

faziam parte, a constituir os quadros de complemento, conservando os mesmos postos, e podendo ser sucessivamente promovidos os subalternos até ao posto de capitão. De futuro, os oficiais, sargentos e cabos de complemento serão formados nos corpos activos (com pequenas excepções) da seguinte forma:

a) Com os voluntarios de um ano; b) Com os recrutas de quota militar; c) Com os que tenham deixado o serviço activo por motivos que não afectem a honra militar e não tenham atingido o limite de idade regulamentar; d) Com os sub-officiais e sargentos licenciados, tendo 8 anos de serviço nas fileiras, satisfazendo ao exame para alferes de complemento.

Os oficiais de complemento passam à *reserva territorial*, e nesta situação podem ser conservados até aos 45 anos, em que serão licenciados, mas podendo conservar o direito a usar o uniforme.

Para que os alferes possam ser promovidos a tenentes e deste posto a capitães é preciso terem pelo menos 3 anos no posto inferior, terem exercido durante 3 semanas, como minimo, o comando de unidade activa, e haverem tomado parte com aproveitamento numas manobras ou escolas práticas, ou num período de trabalhos intensos.

A promoção de alferes a tenente e deste posto a capitão é feita mediante um exame que compreende um exercicio oral e outro pratico. Os oficiais de complemento serão convocados de 2 em 2 anos por um periodo minimo de tres semanas, e de preferencia nas epocas em que se realizam as escolas práticas ou manobras.

No caso de serem convocados os oficiais de complemento para os exercicios ou em virtude de uma mobilização, teem os mesmos vencimentos que os oficiais do activo da mesma graduação, usam o mesmo uniforme que os oficiais da arma ou serviço a que pertençam, tendo apenas como distinção uma letra C ao lado do emblema da gola.

Quando não estejam prestando serviço militar, só poderão usar uniforme nos actos officiais, ou quando sejam autorizados pelo governador militar,

Os officiais de complemento que não se apresentem no caso de mobilização ou quando convocados para manobras

ou escolas práticas, serão considerados como tendo renunciado ao grau de oficial, sendo então classificados como soldados do contingente a que pertencam.

Todos os anos, no mês de janeiro, serão admitidos nos corpos activos 4 *voluntarios de um ano* em cada companhia, esquadrão ou bateria, ou unidade administrativa análoga.

Podem requerer para serem considerados voluntários de um ano os homens do contingente a encorporar desde que tenham as habilitações literárias necessárias e os que sejam maiores de 18 anos de idade nas mesmas condições, tendo preferencia os primeiros.

Os voluntários de um ano são encorporados no corpo para que requeiram na mesma epoca da encorporação dos recrutas, sendo isentos de todo o serviço mecânico, permitindo-se-lhes comer por conta propria e pernoutar fora do quartel. Aos recrutas de quota militar, quando passem à classe de voluntários, se lhes restitue as quotas que já tenham pago.

Em cada corpo, onde sejam alistados os voluntários de um ano, é constituido um pelotão para instrução a qual é dirigida por um capitão, auxiliado pelos oficiais, sargentos e cabos indispensáveis. A instrução é ministrada de modo a, no fim de 3 meses, poderem os candidátos ser submetidos a um exame, que lhes permitirá ser promovidos a cabos de complemento; 4 meses depois, são submetidos a exame de sargento. Os que forem aprovados serão promovidos a sub-officiais, ao terminarem o ano de serviço, sendo em seguida licenceados.

Nos 2 anos imediatos são convocados nos meses de setembro e outubro, fazendo serviço no 1.º destes periodos como sub-officiais e no ano immediato como alferes. Terminado êste 2.º periodo, são submetidos a um exame. Em seguida o processo relativo a cada voluntário é presente a uma comissão constituida pelos oficiais superiores e capitães do corpo, a qual verá se os candidatos estão nas condições de ser promovidos a officiais. Então são enviadas ao Ministerio da Guerra as propostas de promoção, as quais serão publicadas por um decreto no D. O.

Os exames e todas as provas realizadas nos corpos são prestadas perante um juri, constituido por um official superior, 2 capitães e 2 subalternos.



As praças que se alistem, pagando a quota militar, e tendo por isso redução de serviço em cada um dos 3 anos a que estão sujeitas, podem requerer para serem oficiais de complemento, e em cada um dos 3 periodos em que prestam serviço recebem uma instrução análoga e são submetidas ás mesmas provas que os voluntários de um ano. Porém no fim do 3.º ano, depois de serem promovidos a sub-officiais, são convocados no ano immediato por um periodo de 2 meses, desempenhando as funções de subalternos, sendo depois propostos para a promoção a alferes de complemento nos mesmos termos que os voluntários de um ano.

Os individuos, pagando a taxa militar de 1.000 pesetas e e que desejem só ser sub-officiais de complemento, poderão, quando satisfaçam às provas exigidas, ser promovidos a cabos no fim do periodo de 4 meses do seu 1.º ano de serviço; a sargentos, no fim do periodo de 3 meses do 2.º ano; e a sub-officiais, no fim dos 3 meses do 3.º ano.

Os que paguem a taxa militar de 2.000 pesetas receberão a instrução necessária para serem cabos e sargentos no fim do periodo dos 3 meses do 1.º ano de serviço, e sub-officiais, no fim dos 2 meses a que são obrigados no seu 2.º ano.

Tais são nos seu traços gerais o que de principal contem o decreto por meio do qual o ministro da guerra conta obter o numero de subalternos e capitães para completar os quadros das unidades no caso de uma mobilização.

*Escola central de ginastica.* De há muito que se fazia sentir a necessidade de um estabelecimento official militar, onde se estabelecessem as normas do ensino de ginastica no exercito. Sendo então coronel e director da Academia de infantaria o actual ministro da guerra, general Villalba, teve ocasião de conhecer os trabalhos que uma comissão da mesma academia apresentou, depois de ter ido á Suecia estudar os métodos de ensino deste país, e que visavam a introduzir novos processos no ensino da ginastica da Academia. O general Villalba teve agora ensejo de aproveitar esses ensinamentos, creando a *escola central de ginastica* junto da Academia de infantaria.

Esta escola visa desde já a formar um certo numero de officiais professores de ginastica, que por seu turno deverão

proceder á educação de um nucleo de sargentos e cabos, que se tornarão importantes auxiliares para a criação de um Instituto militar de educação fisica, que se proporá finalmente formar um grande numero de officiaes instrutores para dirijirem nos corpos a educação fisica dos soldados e dos professores primários que venham servir nas fileiras, de forma que estes, ao serem licenceados, possam ministrar nas diferentes povoações a instrução de ginastica aos alunos das suas escolas.

O mesmo Instituto deverá occupar-se: da reeducação fisica dos mutilados em serviço; da formação de um pessoal apto para o ensino da esgrima; da criação de uma estação fisiologica ou laboratorio antropotecnico, que estabelecerá o o valor fisiologico dos diversos processos e exercicios praticados, de modo a poder basear-se a educação fisica em principios scientificos.

Para se poder obter o pessoal para o futuro Instituto de educação fisica iniciou-se na escola central de ginastica um curso de 5 meses, com principio em 15 de fevereiro, ao qual assistem 10 capitães, 10 tenentes e 10 alferes, que deviam satisfazer ás seguintes condições: Terem menos de 30 anos de idade; terem boa constituição fisica; terem-se já dedicado anteriormente a esta classe de cultura.

Eram motivos de preferêcia, conhecer qualquer das linguas, francesa, inglesa, alemã ou sueca. Sem dependência de numero, podem assistir ao curso todos os professores e adjuntos de professores da academia de infantaria.

Provisoriamente foi estabelecido o seguinte plano de estudos:

- 1.º—Anatomia, fisiologia e higiene aplicada à educação fisica;
- 2.º—Pedagogia ginastica;
- 3.º—Prática do regulamento de ginastica para infantaria;
- 4.º—Esgrima de espingarda;
- 5.º—Pratica de jogos e desportos.

Terminado êste curso, os 8 alunos mais distintos serão escolhidos e propostos para irem cursar uma escola de ginastica no estrangeiro. Os restantes officiaes, ou ficam na escola para ministrar a instrução a outro nucleo de officiaes, ou vão para os corpos ministrar a instrução e divulgar o ensino.

*Reorganização dos serviços de remonta e cria cavalari.* Tendo sido reconhecido que, apesar do territorio espanhol ser propicio ao desenvolvimento da agricultura e da cria cavalari, contudo a produção cavalari tem sido tão deficiente que se torna necessário recorrer aos mercados estrangeiros para satisfazer ás proprias necessidades do tempo de paz; assim, em virtude do preceituado na base 7.<sup>a</sup> da reorganização do exercito de 29 de junho de 1918, foi decretada a reorganização dos serviços de remonta e cria cavalari, tendente a proteger e desenvolver a industria pecuária de modo a obter-se uma grande variedade de tipos que satisfaçam não só ás necessidades do cavallo de guerra nas suas distintas classificações especificas de — sela, carga, tiro pesado e ligeiro — mas também à variedade de aptidões que são exigidas pela agricultura, industria, transportes, etc. Como, salvo numero limitado de casos, se tem tornado difficil aos particulares fazer a recriação, ao Estado impende o dever de realizar a compra de pôtros e recebê-los em depositos ou potris convenientemente distribuidos pelas diversas regiões ou zonas pecuárias. Ainda foi julgado necessário que nos corpos montados fossem recebidos os cavalos já em completo estado de fazer serviço, ficando aquelas unidades aliviadas do encargo de remontarem, e recebendo os solipedes já ensinados de depositos regionais. Em vista do exposto, a *secção de remonta e cria cavalari* do Ministerio da Guerra passou a denominar-se. «*Direcção do fomento de cria cavalari de Espanha*» com mais largas atribuições, atendendo aos serviços de criação, recriação, ensino e remonta. O novo organismo tem como director um general de brigada da arma de cavalari, constituindo-se junto da Direcção uma comissão composta, além dos elementos militares, de 3 membros da «*Associação de Ganaderos*» e um engenheiro agronomo, representante da Direcção geral de agricultura.

Em cada zona pecuária há uma *comissão regional*, tendo como presidente um coronel de cavalari. Contudo a remonta do gado de sela e de tiro, para a arma de artelharia e do gado muar para todo o exercito continua a cargo da Comissão central de remonta de artelharia. A «*Direcção do fomento de cria cavalari*» é constituída por uma secretaria; uma comissão central de remonta de artelharia; e uma comissão superior do fomento da produção cavalari, presidida pelo ge-

neral director e da qual fazem parte como vogais os 4 coroneis de cavalaria chefes da secretaria e das secções, o coronel da comissão de remonta de artilharia, o sub-inspector interino, 3 membros da Associação geral de ganadeiros, um da Sociedade de fomento da cria cavalari de Espanha, um engenheiro agronomo e um assessor juridico.

O quadro orgânico da extinta secção da cria cavalari e remonta é aumentado com 10 officiaes superiores (do E. M., de cavalaria, engenharia, intendencia, serviços veterinários e de saude, etc.), 2 capitães, um auditor, 4 officiaes do secretariado militar, e diverso pessoal menor para assim se constituir a Secretaria e as diversas secções agora organizadas.

Em cada zona pecuária há um coronel de cavalaria que é o inspector de todos os serviços e delegado principal da Cria cavalari, tendo sob as suas ordens delegados provinciaes, e como auxiliar um capitão ou subalterno. Em cada zona pecuária é constituido um deposito de cobrição, cada um deles dirigido por um tenente-coronel de cavalaria com o pessoal necessário. Em cada zona pecuária funciona uma comissão regional presidida pelo coronel inspector e tendo como vogais o tenente coronel do Deposito de cobrição, o mais antigo chefe provincial da estatística de gado e veículos de tracção animal, o veterinario do Deposito, um delegado da Associação geral de Ganadeiros, um produtor e um inspector de hygiene pecuária do Ministerio do Fomento. Em cada uma das 8 regiões militares da Peninsula é constituido um deposito de remonta, que terá os solipedes necessários para que possam remontar os generais, os officiaes que não pertençam a corpos montados, a engenharia, a intendência, o serviço de saude, a guarda civil e os carabineiros.

*Escola superior de guerra.* Em harmonia com o decreto orgânico desta escola (31 de maio de 1904), foi aberto o concurso de admissão para o novo curso, que deverá começar em 15 de setembro próximo, e ao qual poderão concorrer os capitães e subalternos de inf.<sup>a</sup>, cav.<sup>a</sup>, art.<sup>a</sup> e eng.<sup>a</sup> tendo 2 anos de serviço nas fileiras e boas informações.

Os requerimentos, acompanhados duma *informação confidencial* dos chefes acerca da sua capacidade, caracter, dotes de comando, applicação e aptidões físicas, deverão dar entrada

no Ministerio da guerra até 10 de maio e os requerentes, mandados admitir ao concurso, apresentar-se-ão em 31 do mesmo mês na Escola superior de guerra para serem submetidos ás provas de admissão.

O número de lugares este ano será de 40, sendo 26 de de inf.<sup>a</sup>, 7 de cav.<sup>a</sup>, 5 de art.<sup>a</sup> e 2 de eng.<sup>a</sup>; mas, como poderão ficar numa arma excluidos candidatos que tenham obtido maior classificação que os admitidos noutra, em virtude da proporção fixada, são este ano reservados mais 8 lugares para os que estejam nessas circunstâncias.

Das materias fixadas nos programas do exame de admissão, não se poderá exigir mais desenvolvimento do que se contem nos livros seguintes:

Em *geografía geral*, a obra de Vidal de Lablache e Camena de Almeida, ou melhor, a tradução de D. Antonio Blázquez y Delgado, pelo maior desenvolvimento dado à parte referente a Portugal e Espanha; em *história universal* a obra de D. Manuel Sales Ferré ou a de D. Gabril de Vergara e Martin; em *direito político e administrativo*, as Noções de Direito público de Ruiz Faduchy.

Os programas publicados no D. O. de 16 a 18 de março por serem muito extensos, não os damos aqui, mas podem ser examinados naquella publicação official, ou nos números de "*El Ejercito Espanol*" de 16 e 19 de março, que os transcreve na íntegra.

\*  
\*   \*  
\*

*Normas para a incorporação dos recrutas e seu licenciamento antecipado.* A duração do tempo de serviço nas fileiras é de 3 anos, mas em geral as praças tem sido licenceadas antes do fim do seu terceiro ano de serviço, dependendo isso do criterio dos diversos ministros da guerra, de modo que não havia normas fixas a tal respeito, dando isto lugar a várias irregularidades. O actual ministro, general Villalba, procurando pôr termo a estas anomalias, acaba de publicar as normas a observar, tanto para a incorporação dos recrutas, como para o seu licenceamento antecipado.

O contingente anual ordinário será incorporado no dia 1 de fevereiro do ano seguinte ao da sua entrada nos distri-

tos de recrutamento, começando desde logo a sua instrução. Nos regimentos de inf.<sup>a</sup> da Península, nas bases navais e nos batalhões ciclistas serão licenceados nos meses de julho, agosto e 1 de novembro de cada ano todos os homens que se encontrem no 3.<sup>o</sup> ano de serviço, conservando-se de licença até passarem à 2.<sup>a</sup> situação do serviço activo. A parte do contingente, chamado de instrução reduzida, será incorporada em 1 de novembro do ano seguinte, permanecendo no serviço durante os meses de novembro e dezembro.

Nos corpos de infantaria a instrução será regulada de maneira que haverá durante o ano: em janeiro, os contingentes do 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> ano de serviço activo; em fevereiro, março e abril, os contingentes anteriores e mais o contingente de recrutas incorporados; em maio e junho, os contingentes do 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup>, e 3.<sup>o</sup> ano do serviço activo; em julho e agosto, os contingentes do 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> ano do serviço activo; em setembro e outubro, os contingentes do 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> do serviço activo; em novembro e dezembro, os contingentes do 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> ano, e os recrutas de instrução reduzida. O mesmo regime é aplicado aos batalhões de montanha, que se forem organizando e desde já aos que guarnecem Bejar, Ronda e Plasencia.

Nos regimentos de cavalaria só serão licenciados em abril maio e junho os que estiverem no 3.<sup>o</sup> ano, mas que não são mobilizáveis, ou que excedem o número de cavalos disponíveis em cada esquadrão.

Em artilharia, seguir-se-ha o que está determinado para os regimentos de infantaria, excepto no regimento de art.<sup>a</sup> a cavalo, em que serão licenceados em dezembro os homens que estejam no 3.<sup>o</sup> ano.

Na engenharia, serão licenceados os homens do 3.<sup>o</sup> ano nos meses de janeiro, julho, agosto e dezembro dos regimentos de telegrafistas, pontoneiros, batalhões de radio telegrafia, de aerostação e de projectores; nos meses de janeiro e de dezembro os homens do 3.<sup>o</sup> ano da companhia de operários de Guadalajara e os das tropas pertencentes ao Centro Electricotécnico; nos regimentos de sapadores e de caminhos de ferro e nas companhias de fortaleza, é aplicado o regime dos regimentos de infant.<sup>a</sup>. Na Intendencia e nas tropas sanitárias os homens do 3.<sup>o</sup> ano serão licenceados em janeiro, junho, julho, agosto e dezembro.

Na Brigada operaria e topográfica do Estado Maior só serão licenceados no 3.º ano os homens que prestam serviço nas comissões geográficas e durante os períodos em que as mesmas se dedicam a trabalhos de gabinete.

Só serão licenceados depois de terminados os 3 anos de serviço os homens que façam parte das secções de ordenanças do Ministerio da guerra, das zonas de recrutamento, das unidades de reserva, dos parques, das fábricas, das oficinas, laboratórios, collegios, estabelecimentos de remonta, em virtude da limitação do seu número.

As praças que prestem serviço nos estabelecimentos de instrução serão licenceadas durante o seu 3.º ano sómente nos periodos de ferias dos alunos.

Os sub-officiais, sargentos e cabos voluntarios ou readmitidos serão licenceados nos periodos em que sejam licenceados todos os que passam a esta situação no seu 3.º ano, mas dentro dos limites que não prejudiquem os serviços. Só podem ser licenceados os cabos e soldados que estejam no 3.º ano e que não excedam a terça parte do número total das praças em serviço (3 contingentes), podendo nestas circunstâncias serem licenceadas praças do 2.º ano, mas estas não podem ter mais de 4 meses seguidos de licença.

Durante o presente ano, atendendo a que a incorporação dos recrutas só teve lugar no fim de fevereiro, o licenceamento, em vez de se realizar em 1 de julho, só terá lugar em 15 do mesmo mês.

*Em torno do orçamento do Ministerio da Guerra.* A proposito da discussão do orçamento no parlamento espanhol é digno de consideração o discurso do ministro da guerra, general Villalba, respondendo a alguns dos oradores, que tinham atacado o orçamento da guerra. Não queremos acompanhar todo o discurso do illustre ministro, mui especialmente na parte politica, que mais interessa aos profissionais politicos do vizinho reino; mas não devemos deixar de notar indicações importantes relativas a um certo número de questões militares.

O general Villalba disse que um país que não está em boas condições financeiras não pode simultaneamente ter um forte exército e uma poderosa marinha, e, tendo de deixar

em segundo plano a marinha, tem comtudo de cuidar da defesa das costas. Afirma que a defesa das costas tem sido descurada, e que o material que existe actualmente não corresponde às condições técnicas da guerra moderna, e por isso encarregára uma comissão mixta de estudar o assunto.

Relativamente á organização do Estado Maior Central, cuja reorganização é de 1918, é de opinião que, num país constitucional, em que o ministro da guerra é o responsavel perante o parlamento, o Estado Maior em tempo de paz só pode ser um corpo consultivo, e só em caso de guerra pode ter atribuições para dirigir a guerra.

Emquanto à afirmação de um deputado, de que as despesas com o exército constituíam um encargo esmagador e sufocante, contestou o ministro, declarando que as despesas com o exército representavam apenas 31 % das despesas totais da nação, e que à medida que tinha aumentado o orçamento da guerra, as restantes despesas tinham aumentado numa proporção maior, pois anos anteriores tinha havido em que as despesas do ministerio da guerra representavam 41 % das despesas gerais.

Segundo as declarações do ministro, no orçamento da guerra <sup>1</sup> figuram 80 milhões de pesetas para material de artilharia e aviação, pois já vão longe os tempos em que bastava o valor dos homens armados de um chuço, emquanto que hoje é preciso armar devidamente o povo, infundir-lhe um alto sentimento moral e patriótico e proporcionar-lhe os necessarios meios materiais.

Também afirmou o ministro que tem havido consideravel redução nos quadros de officiais, de modo a haver uns 18 homens nas fileiras por cada official.

No Estado Maior houve uma diminuição de 19 officiais; em infantaria a redução em ano e meio foi de 224 officiais; em artilharia houve uma diminuição de 109 officiais; e analogamente nas restantes armas e serviços.

Confessa o ministro que as promoções nas diversas armas tem sido excessivamente lentas, sendo motivo para que a carreira militar ofereça pouco estímulo. Assim na infantaria

---

<sup>1</sup> Veja-se a *Revista Militar* do mez de fevereiro do corrente ano a páginas 120.



em média, um tenente leva 9 anos para sair capitão; 24 anos de serviço para ascender a major; 28 anos para ser tenente-coronel; e 34 para sair coronel.

Só no Estado Maior é que a promoção tem sido mais acelerada, pois aí os capitães teem sido promovidos a maiores com 16 anos de serviço; a tenentes-coroneis com 28; e a coroneis com 40, pois a demora é grande no posto de tenente-coronel. Ha porém excepções, e estas são para os privilegiados da fortuna, que teem tomado parte nas guerras de África.

Das despesas com material, foram destinados 36 milhões de pesetas para vestuario, equipamentos e material de aquartelamento; para artelharia, 41 milhões; para engenharia, 25 milhões; para a intendência, 10 milhões; e para aeronautica 5 milhões. Foram mandadas fabricar grande quantidade de cozinhas rodadas, 53 carros de viveres. Para reparações de quartéis e construção de alguns novos foram destinados 50 milhões de pesetas.

Alguns deputados observavam que os quartéis não teem sido construidos, onde a defesa do país requiere guarnições, citando o exemplo do quartel de Cudadela, que foi concluido, mas não ocupado, pois o Estado Maior não julgou conveniente uma guarnição naquela povoação, o que representa uma má administração do dinheiro.

A lei de 1918, disse o ministro, preceituava que se fomentasse o mais possivel a industria nacional, entregando-lhe a construção de material de guerra, mas tais desejos não podem ir muito longe, pois não sendo a Espanha um país exportador de material de guerra, não pode a industria particular desenvolver-se, não podem ser construidas fábricas destinadas ao fabrico de cartuchos, de espingardas, etc., pois terminadas as encomendas do ministerio da guerra essas fábricas teriam de fechar.

É certo que uma fábrica espanhola construiu peças de 7<sup>cm</sup>,5 T. R., mas para isso a fábrica de Trubia teve de fornecer-lhe lingotes de aço. A propria fábrica de Trubia não pode construir artelharia pesada. A industria nacional não está, pois, em condições actualmente, nem tão cedo, de produzir material de guerra. É excepcionalmente que a fábrica de Lugones tem fabricado cartuchos para espingarda e até

para artilharia de varios calibres até 15<sup>cm</sup> inclusivè, pois ultimamente o latão tem ali sido fabricado em boas condições.

Julgamos pois, muito interessantes todas estas informações.

V. C.



## Estudo de um regulamento de expedições coloniais

(Continuação)

### Título 2.º — Tropas

#### Tropas europeias

ARTIGO 9.º — Os europeus devem ser reservados para a direcção e fiscalização dos indigenas, fornecendo a estes o apoio moral constante e um impulso, que pode ser intermitente.

ARTIGO 10.º — Para o enquadramento das tropas europeias são preferiveis graduados conhecendo os costumes e com experiencia de tropas indigenas.

ARTIGO 11.º — As tropas europeias expedicionarias devem recrutar quanto possivel pelo voluntariado, com boas informações de resistência fisica e competencia.

ARTIGO 12.º — Todos os europeus serão na generalidade instruidos em higiene, metralhadoras, natação e tratamento de solipedes.

ARTIGO 13.º — As tropas europeias devem dar o maior rendimento, sendo as praças instruidas em especialidades, com o fim de facilitar as substituições.

JUSTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS 9.º A 14.º — As tropas europeias custam muito mais caras e esgotam-se mais depressa do que as indigenas, pelo que as tropas indigenas devidamente enquadras por europeus, devem ser empregadas com tanta maior preferencia quanto peor for o clima. Na Africa do Sul, para a campanha contra a colonia alemã do Sudoeste fizeram-se alistamento por seis meses, apesar de já ser esperado, que alguns dos alistados, por varias demoras, não chegariam a entrar na campanha; mas duas vantagens primordiais tinha este breve alistamento.

1.º — Compenetrava todos de que a campanha devia ser curta.

2.º — Evitava a população hospitalar, que paralisa, desanima e encarece qualquer expedição colonial.

Na campanha da Africa Oriental tentaram os portugueses forçar o rendimento das tropas europeias alem de alguns meses; mas sómente por fim se reconheceu, que se sustentava uma dispendiosa população nos hospitaes com um valor militar illusorio.

As tropas europeias para terem algum valor militar é necessario que não sejam improvisadas; conforme diz o general Sir Douglas Haig, a paginas 57 do seu relatorio que foi impresso em portugês: — «E' essen-

ARTIGO 14.<sup>o</sup> — Os europeus em estacionamento devem ser dotados, quanto possível, de cama e mosquiteiro, nas regiões de malária.

cial que as tropas antes de entrarem em combate tenham previamente uma oportunidade de serem especialmente exercitadas pelos que as hão de comandar na luta e sejam por eles instruídas sobre os serviços, que mais tarde possam vir a ter que desempenhar».

### Tropas indígenas

ARTIGO 15.<sup>o</sup> — As tropas indígenas devem ter uma constante instrução diária, a negligencia deste principio devendo ser punida, por enfraquecer o valor das tropas.

JUSTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS 15.<sup>o</sup> a 21.<sup>o</sup>. — Os indígenas com aptidões militares devem ser atraídos com distinções e vencimentos. Os alemães na Africa Oriental graduavam os indígenas até sargentos com vencimentos de 150 marcos mensais.

ARTIGO 16.<sup>o</sup> — Os quadros das tropas indígenas devem ser seleccionados para atender á acção moral, que é basilar no valor militar das tropas indígenas.

As unidades indígenas comparadas com as europeias teem uma mortalidade cinco vezes menor e exigem menos do que a decima parte dos transportes.

ARTIGO 17.<sup>o</sup> — As praças indígenas devem ser classificadas:

As unidades indígenas são portanto economicas, dando bom rendimento quando instruidas, podendo passar os carregadores a praças especializadas, como fizeram os alemães na Africa Oriental na Campanha de 1914 a 1918.

- a) — Praças especializadas;
- b) — " auxiliares;
- c) — Cipais;
- d) — Carregadores.

Soldados indígenas, dignos dêste nome só se obtem com um ano de instrução, conforme diz o general Hoskins, comandante das tropas britannicas em 1917 na campanha da Africa Oriental e antigo inspector das tropas indígenas; para nós, que tudo improvisámos, tem tanto valor esta afirmação que transcrevemos da historia militar do «Times», volume 19, paginas 42 a seguinte citação do referido general.

ARTIGO 18.<sup>o</sup> — As praças indígenas especializadas devem usar os seus respectivos distintivos e não poderem ser distraídas das unidades.

ARTIGO 19.<sup>o</sup> — As praças auxiliares são recrutadas normalmente e fornecem os impedimentos necessarios para o serviço, quando não disponham de aptidões para serem specialisados.

«It is not generally understood that the African natives takes a long time to train. Those of good fighting tribes are of little use before they have had a fully a year's training with officers conversant with local con-

ARTIGO 20.º — Os cipais são contratados para a campanha ou um periodo desta, devendo serem organizados em unidades onde teem praça assente.

A organização das unidades de cipais será semelhante á organização militar e em harmonia com os costumes indigenas.

ARTIGO 21.º — Os carregadores devem ser organizados em unidades de transporte, tendo estas sempre adstrita a mesma escolta, os mesmos enfermeiros indigenas das suas regiões e outros elementos que incutam confiança aos indigenas, mantenham a segurança e garantam a policia sanitaria.

ditions, and even then they must be used with care».

Ainda o referido General acrescentava que raças indigenas inferiores exigem mais demorada instrução com officiais e sargentos, que conheçam a sua lingua.

Praças indigenas auxiliares já foram empregadas na referida campanha pelas nossas tropas, e tambem nessa campanha os cipais dos majores Cunha e Neutel foram chamados de Moçambique, para constituirem uma cortina atrás da qual as fôrças regulares ao Sul do Rio Rovuma se reorganizariam, mas então os cipais não chegaram a desembarcar porque a cheia do Rovuma impediu as incursões dos alemães; mais tarde em 1917 novamente foram chamados estes cipais para cobrirem a abertura de estradas, poupando assim as fôrças regulares.

Ainda esta campanha apresenta notaveis ensinamentos ácerca do emprego de carregadores, que do lado britânico atingiram a elevada cifra de 395.000 com uma hospitalização mensal de 10.000; porém onde o rendimento das forças indigenas foi instrutivo, acompanhando os carregadores as tropas indigenas regulares, numa mortifera defensiva de retirada sem probabilidades de exito, conseguindo ainda recrutar nos carregadores os seus soldados indigenas, esse instrutivo ensinamento encontra-se do lado adverso, pelo que citámos a organização regulamentar de uma companhia indigena da Africa Oriental Alemã com o seu efectivo, equipamento e distribuição dos carregadores:

2 officiais (cada um dispondo de 10 carregadores para bagagem pessoal).....	20
<i>A transportar....</i>	20

<i>Transporte</i> . . .	20
2 sargentos europeus, idem . . .	20
1 enfermeiro europeu, idem, com 4 cargas de ambulancia e 6 de medicamentos . . . . .	20
150 askaris (dispondo cada gru- po de 10 carregadores para utensilios de cozinha) . . . . .	15
2 metralhadoras e 1.º municia- mento . . . . .	10
2.º municiamento das metra- lhadoras e accessorios . . . . .	9
1.º municiamento e 6 espin- gardas de reserva . . . . .	11
2.º municiamento . . . . .	60
Pistolas de sinais luminosos e arquivos . . . . .	4
Fardamento, botas de reserva e ferramenta de concertos . . . . .	5
1 barco ligeiro e outro des- montavel . . . . .	38
1 rolo de corda com 300 me- tros . . . . .	1
1.º escalão de viveres . . . . .	25
2.º escalão de viveres . . . . .	60
Reserva de carregadores, 10 %	29
Total de carregadores . . .	327

### **Titulo 3.º – Linhas de comunicação**

#### **Direcção de Etapes**

ARTIGO 22.º — A direcção de etapas deve estar parcialmente constituida e organizada antes da concentração das forças expedicionarias, com o fim de as receber nas melhores condições de hygiene, alimentação e transportes.

ARTIGO 23.º — O director de etapas será equiparado a um chefe de serviços, deven-  
do elaborar instruções que

JUSTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS 22.º  
A 24.º — O cuidado com que fôr pre-  
parada a direcção de etapas reflete-  
se na linha de comunicações, que é  
um dos principais elementos de vita-  
lidade numa expedição colonial.

A direcção de etapas tem de estu-  
dar a linha de comunicações em  
coerência com o plano da expedição  
e a marcha provavel das operações,  
sendo essencialmente o estudo dum  
problema dependente das circuns-  
tâncias locais da zona de opera-  
ções.

serão propostas á aprovação do comando para coordenação dos serviços.

ARTIGO 24.º — O director de etapes, conforme as directivas que recebeu do comando, pode determinar em nome deste as instruções que julgar convenientes para o serviço.

A direcção de etapes deve cuidar particularmente do moral das tropas por meio de publicações e de noticias convenientemente divulgadas, com freqüência afirmando e repetindo as informações necessarias para consolidar o melhor moral das tropas.

#### Organização de etapes

ARTIGO 25.º — Na organização dos acampamentos as exigências higienicas, principalmente as relativas ao abastecimento da agua devem ser previstas com metodo e dotadas com o material correspondente á marcha provavel das operações.

ARTIGO 26.º — Os hospitais e enfermarias serão organizados conforme a percentagem prevista de doentes e feridos.

ARTIGO 27.º — Os depositos serão distribuidos obedecendo á marcha provavel das operações.

ARTIGO 28.º — Os deposti-

Instrutivas por se repetirem as expedições na mesma zona, são as disposições sucessivamente adoptadas pelas direcções de étapes nas campanhas do Sul de Angola, sendo modelares as instruções elaboradas pelo major Eduardo Costa e publicadas na citada *Revista Militar*, como preparação para a projectada campanha, que deveria comandar.

Relativamente á preparação do moral das tropas, este assunto assume para comnosco maior vulto e devido ás deficiências com que entre nós são organizadas as étapes.

JUSTIFICAÇÃO DOS ARTIPOS 25.º A 29.º — A organização de étapes formando os alicerces das operações, deverá ser bem dotada.

As expedições colonias sendo, em regra, mais mortiferas pela acção do clima, do que propriamente pelas armas do adversario, devem portanto cuidar com a maior previsão dos desfalques causados pelas doenças, que se podem calcular entre 25 a 75 %.

O tenente Coronel Ditte, a paginas 35 do citado livro aponta exemplos instrutivos da campanha de Madagascar em 1895; a companhia de engenharia com effectivo de 200 homens, ficou reduzida a 40 no fim de três meses; os enfermeiros e operarios foram completamente renovados, duas vezes em cinco meses.

tos serão escalonados, desde a base marítima ou de etapas até á base de operações, com todas as prescrições de segurança e previsão contra fogos.

ARTIGO 29.º — As oficinas de etapas serão organizadas recorrendo a contratos de preferencia com operarios indigenas.

Por isso julgamos um dever a transcrição do que diz o notavel escritor a paginas 209, citando um medico inspector de tropas coloniais: — As economias feitas em prejuizo do passadio dos soldados são desastrosas pelas suas consequências, produzindo em geral maiores despesas, resultantes de hospitalizações mais numerosas, de repatriamentos antecipados, de substituições mais frequentes, perdas de tempo e sobretudo, o sacrificio inutil de existencias preciosas. Quando se organizam expedições coloniais é justo dizer, que toda a despesa judiciosamente feita a favor da hygiene é uma economia realizada.

## Titulo 4.º — Transportes

### Transportes maritimos

ARTIGO 30.º — Os transportes maritimos devem ser requisitados detalhando as informações sobre pessoal, animal e material a transportar.

ARTIGO 31.º — O comandante militar deve sempre solicitar do comandante do navio informações ácerca de: alojamentos, horarios e disciplina; serviço de saude, hygiene, latrinas, e banhos;

Prescrições para casos de incendio, naufragio e outros sinistros;

Meios auxiliares de manter a ordem.

ARTIGO 32.º — Nas bases maritimas será nomeado um director de transportes mari-

JUSTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS 30.º A 33.º — Os ingleses em transportes com duração de algumas semanas indicam para cada soldado serem necessarias 4 toneladas e para cada cavalo 12, podendo estes numeros reduzir-se a metade em transportes com a duração de uma semana. Para uma dotação de três meses de víveres e outro material póde contar-se com a exigencia de uma tonelada por cada soldado expedicionario.

Nos transportes que demorem alguns dias os horarios devem prever tempos de instrução, curtos de meia hora, facultada essa instrução em pequenos grupos e destinada a habilitar os expedicionarios nos assuntos de campanhas coloniais.

As prescrições para casos de sinistros devem ser praticadas periodicamente com o fim de evitar panicos.



timos, subordinado ao comandante em chefe.

ARTIGO 33.º — Nos transportes de material as etiquetas, distribuição dos volumes obedecerão a instruções metodicas para a fiscalização e desembarque.

### Transportes terrestres

ARTIGO 34.º — Os transportes devem constituir uma repartição do Quartel General do Comando da expedição.

ARTIGO 35.º — Os meios de transporte que seja necessario organizar devem ser adaptaveis á zona de operações, aproveitando o maior desenvolvimento dos recursos locais. O rendimento dos transportes será obtido com o maior metodo e disciplina.

JUSTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS 34.º E 35.º — Os transportes terrestres são um dos serviços mais característicos das campanhas coloniais, sendo também dos mais decisivos para o exito da campanha.

Os transportes, excluindo forragens, para abastecimentos de uma coluna de mil homens, sendo um quarto europeus e três quartos indigenas, poderá conforme indicações inglesas avaliar-se, grosso modo, nos seguintes pesos:

Viveres para europeus, diariamente .....	0,15
Viveres para indigenas, diariamente .....	0,175
Munições, fardamento, equipamento e ferramenta, para uma dotação de 15 dias...	3,16
Material de saude, idem.....	2,10
Material veterinario, idem...	1,10

Para o calculo dos transportes, o carregador transportando 20 quilos em etapas medias de 20 quilometros é o elemento de transportes mais independente das contingencias do terreno, mas o seu rendimento é pequeno, pelo que se devem preparar outros recursos de maior capacidade, á maneira que o terreno esteja dominado.

## Titulo 5.º — Reforços

### Reforços immediatos

ARTIGO 36.º — Os reforços immediatos, são os correspondentes ás primeiras perdas, devendo ser mobilizados e marchar com as proprias unidades.

Estes reforços immediatos devem ser calculados na proporção de 10 % dos efectivos de cada unidade.

ARTIGO 37.º — Os quadros devem ser mobilizados tambem com um reforço immediato de 20 % que marchará com cada unidade.

### Marcha de reforços

ARTIGO 38.º — Os reforços devem marchar trimestralmente, enquadrados, instruidos e disciplinados.

ARTIGO 39.º — A marcha dos reforços deve ser calculada trimestralmente, em 25 % dos efectivos, correspondendo a render no fim de um ano cada contingente.

ARTIGO 40.º — No caso de perdas extraordinarias, os reforços serão solicitados pelo Comandante em Chefe, além destas percentagens.

ARTIGO 41.º — Todos os reforços devem marchar ar-

JUSTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS 36.º E 37.º — Os reforços immediatos são calculados conforme o regulamento de organização inglêz, que fixava desde 1909, as percentagens de 10 a 20 % como reforços necessarios depois das primeiras seis semanas e indicava já como reforço necessario no fim de um ano de campanha 80 % para a infantaria.

JUSTIFICAÇÃO DOS ARTIGOS 38.º A 41.º — O pessoal cuja resistencia ao clima fôr excepçional e lhe permita voluntariamente continuar o serviço além dum ano, deverá receber uma gratificação, proporcional á sua gradação.

O pessoal europeu que mais rapidamente se exgota são os condutores de automoveis, enfermeiros, operarios e praças de engenharia, sendo a percentagem dependente do clima e violencia da campanha, mas podendo tomar-se para base dos calculos os numeros indicados.

No caso de perdas extraordinarias o imprevisto assume tal magnitude, que se torna inconcebivel a quem não presencieie as dificuldades. Na campanha de Madagascar em 1895, o

ramados, equipados e com rações suficientes.

batalhão de infantaria francesa n.º 200 com um efectivo de 800 homens, logo após o desembarque, sem entrar em combates, nem operações activas, encontrava-se reduzido a sete homens antes de passados quatro meses.

Semelhantemente o nosso batalhão de infantaria n.º 31, que desembarcou em 1917 em Mocimboa para a campanha da Africa Oriental, com igual efectivo e antes do mesmo praso era dissolvido sem ter saído da base marítima, nem entrado em operações, ou sofrido qualquer epidemia caracterizada, mas cruelmente vitimado e desfalcado só pelo clima.

## **Titulo 6.º — Reabastecimento**

### **Reservas imediatas**

ARTIGO 42.º — Além dos abastecimentos iniciais e periodicos que devem acompanhar as unidades mobilizadas, os serviços devem prever reservas imediatas nas bases.

ARTIGO 43.º — As reservas imediatas devem ser previstas conforme os recursos de transportes.

JUSTIFICAÇÃO DOS ARTICOS 42.º E 43.º — Nas campanhas coloniais as reservas imediatas de víveres e forragens atingiram algumas vezes dotações correspondentes a seis meses, mas com o progresso dos transportes marítimos, a experiencia tem mostrado serem suficientes as reservas de víveres e forragens correspondentes a três meses, no inicio da campanha.

### **Planos de reabastecimento**

ARTIGO 44.º — Cada um dos serviços das tropas deve elaborar, na especialidade que lhe diz respeito, um plano de reabastecimento periodico para as forças em operações, que fará parte do plano da expedição.

ARTIGO 45.º — Os planos de

JUSTIFICAÇÃO DOS ARTICOS 44.º E 45.º — Os planos de reabastecimento deverão prever uma campanha difficil, porque seria uma leviandade supôr fraco um adversario, que se propõe combater.

Conforme os ensinamentos da experiencia inglesa podem apresentar-se como médias as seguintes percentagens:

No armamento deverá prever-se

reabastecimento devem prever a maneira de satisfazer requisições derivadas de circunstâncias extraordinárias, das quais resulte a perda de material e víveres, devendo esses planos incluir um estudo do rendimento dos mercados que possam satisfazer essas requisições tanto para europeus como para indígenas.

(*Continúa.*)

EDUARDO AUGUSTO D'AZAMBUJA MARTINS.

Tenente coronel

uma reserva de 50 % nas espingardas por ano.

Nos equipamentos deverá prever-se por ano nas regiões secas um renovoamento de 100 % nos cantis e 400 % em sacos de agua de lona.

No fardamento deverá contar-se para os condutores de viaturas automoveis, com um renovoamento de 100 % por mês.

Nos medicamentos, o leite condensado e o quinino, nunca são demais nos depositos.

O material para comunicações deverá ser previsto desde a mais elemental ligação.

Foi exemplar o rendimento que os alemães na Africa Oriental obtiveram das pistolas de sinais luminosos, que já citámos no equipamento da campanha indigena alemã. Esse exemplo foi copiado pelos ingleses e tambem foi por nós aproveitada para as operações que nos levaram a Newala, uma pistola capturada aos alemães.

# CRÓNICA MILITAR

## Espanha

**Aeronautica militar.**—Foram publicadas as *condições e provas* a exigir aos individuos que pretendam obter a carta de *piloto* de balão livre e de aeroplano.

Para ter o diploma de piloto de balão, da 2.<sup>a</sup> categoria, exigem-se as seguintes provas: Tres ascensões de dia e uma de noite, durando cada ascensão pelo menos 4 horas.

Para piloto de 1.<sup>a</sup> categoria exigem-se: 6 ascensões de dia como piloto, devendo a descida efectuar-se sem auxilio exterior, uma ascensão de mais de 300 quilómetros, e uma ascensão de mais de 12 horas; e de noite, 2 ascensões, devendo uma delas durar toda a noite.

Há também duas classes de pilotos de aeroplano.

Para piloto de 2.<sup>a</sup> categoria são exigidas as seguintes provas:

Um vôo em que o piloto permaneça durante uma hora à altura minima de 2.000<sup>m</sup>, devendo na descida efectuar-se um vôo planeado, parando os motores a 1.500<sup>m</sup> de altura sobre o terreno da aterragem, e esta far-se-há sem pôr em marcha o motor e num raio de 150<sup>m</sup>, como máximo, em volta de um ponto previamente fixado pelos examinadores.

Como prova de habilidade, ter-se-há de executar um vôo em volta de dois postes ou boias situados a 500<sup>m</sup> um do outro, e efectuando-se uma série de cinco ∞, fazendo-se a viragem em volta de um ou outro dos postes. Este vôo terá logar a 200<sup>m</sup> do solo, e na descida os motores devem parar a 50<sup>m</sup> de um ponto fixado pelo candidato antes da partida.

Para piloto de 1.<sup>a</sup> categoria os candidatos terão de dar 4 provas, sendo as duas primeiras analogas às exigidas para piloto de 2.<sup>a</sup> categoria; a 3.<sup>a</sup> é uma prova de resistência, em que se terá de percorrer, pelo menos, 300 quilometros; a 4.<sup>a</sup>, é um vôo de noite durando 30 minutos e a uma altura superior a 500<sup>m</sup>.

Além destas provas práticas de navegação aerea, os candidatos são submetidos a diversas provas tecnicas, pelas quaes se mostre que possuem a sufficiente preparação tecnica e tática e conhecem os regulamentos internacionais de navegação aérea.

**Um uniforme unico.**—Foi recentemente decretado que o exercito passe a ter um uniforme, que ofereça comodidade às tropas e pouca visibilidade. É suprimido o grande uniforme e apenas admitido o uniforme de campanha. Este é de *kaki*. É estabelecido o praso de 3 anos para usar ainda o actual

uniforme. Foi aberto concurso para a manufactura de 100.000 uniformes do novo modelo, dispondo-se desde já da verba inscrita no orçamento para a compra de uniformes para a mobilização. O novo uniforme irá sendo sucessivamente adquirido no prazo de 3 anos, mesmo para dar tempo que as fabricas nacionais se habilitem a fabricar o novo tecido. Acabam-se, portanto, com os variados uniformes (n.º 1, 2, 3, 4 e 5), ficando apenas o uniforme de campanha para todas as circunstancias, no que há uma manifesta e importante economia, e ao mesmo tempo com um tecido e uma côr que na ultima guerra foram reconhecidos como os mais práticos.

**O aumento de soldo aos officiais.**—Durante a discussão do orçamento tem sido tratada com toda a atcnção a questão do aumento de soldo aos officiais, que atravessam uma verdadeira crise.

No Senado o sr. Izquierdo Vélez apresentou uma proposta que é diferente da que depois apresentou o ministro da guerra, general Villalba. Eis num quadro as duas propostas:

PROPOSTA VÉLEZ		PROPOSTA VILLALBA	
		No activo	Reforma
Coronel....	12.000 pesetas	12.000 pesetas	10.000 pesetas
Ten. coronel	10.000 »	9.500 »	8.000 »
Major.....	8.000 »	7.500 »	6.500 »
Capitão.....	6.000 »	5.500 »	4.500 »
Tenente....	5.000 »	3.500 »	3.500 »
Alferes.....	4.000 »	3.000 »	3.000 »
Sub-officiais.	3.000 » aumento de 320 »		
Brigadas....	} 2.000 a 3.000.....	300 »	
Sargentos...		20 »	

Apesar da tabela de soldos do ministro da guerra ser inferior à do senador Vélez, traz um aumento de despesa de 8.906:000 pesetas, que deverá ser coberto pela economia feita no licenciamiento de praças em diversos periodos do ano. Contudo, nem mesmo assim, foi votado este aumento, ficando circunscrito ao dos tenentes e alferes.

## França

**Nova organização do serviço de aviação.**—Segundo informa *La France Militaire*, foi decretada a constituição de 15 regimentos de aviação, com os agrupamentos existentes, sendo 13 regimentos com a séde em França e 2 nas colonias. Dos 13 regimentos, serão:

3 regimentos de caça; 3 de bombardeamento e 7 de observação.

Cada regimento tem um *Estado maior*, 3 ou 4 grupos com um número variável de *esquadrilhas*, uma ou 2 secções de mecânicos e uma ou mais secções fotograficas. A cada regimento corresponde um parque.

A reorganização do serviço de aviação deverá estar concluída em 3 periodos:

1.º Distribuição das actuais 135 esquadrilhas e 18 secções de mecânicos pelos novos regimentos;

2.º Adaptação de todas as outras formações existentes pelas unidades de nova formação;

3.º Dissolução final dos agrupamentos.

**Regimentos de carros de assalto.**—Vão ser constituídos regimentos de carros de assalto, que passarão a ter os numeros de alguns dos regimento de infantaria que foram suprimidos. Taes regimentos serão considerados como regimentos de infantaria providos de um armamento especial.

**Reorganização do alto comando.**—O actual ministro da guerra, M. André Lefèvre, reorganizou o «*conselho superior de guerra*» e o «*estado maior general do exercito*». No seu *relatorio* ao presidente da Republica, o ministro da guerra declara que a experiencia da guerra de 1914-1918 mostra que a organização do alto comando, como resultára dos decretos de 1911-1912, correspondeu de uma maneira geral às necessidades das operações e exercicio do comando em tempo de guerra, e por isso, salvas pequenas modificações, propõe que se conserve, para o tempo de paz, uma organização muito semelhante à que funcionou durante a guerra, e que tão bons resultados deu, apesar das mudanças ministeriais e das substituições dos generalissimos. Assim viu-se que foi um ministro civil, M. Messimy, quem em 1911 (decreto de 28 de julho) criou o órgão que tão importantes serviços prestou ao exercito e à nação, (*O Conselho superior de guerra*), e é agora outro ministro da guerra civil, M. André Lefèvre, que vem dar alguns retoques nesse alto organismo. Já em 1912 M. Millerand, ao assumir a pasta da guerra, aperfeiçoára a obra de M. Messimy (decreto de 20 de janeiro), nomeando o titular do posto de chefe do estado maior do exercito vice-presidente do Conselho superior de guerra, para ficar assegurada a unidade de direcção; e para lhe dar maiores garantias, ainda (decreto de 14 de maio de 1912) foi colocado um general, futuro chefe do estado maior do generalissimo, e ainda outro, que deveria, no acto da mobilização, ficar junto do ministro para assegurar a ligação entre este e o estado maior general.

A nova organização (24 de janeiro de 1920) estabelece:

Que o futuro comandante em chefe toma em tempo de paz o titulo de vice-presidente do Conselho superior de guerra, sendo presidente o ministro da guerra; que este conselho será constituído pelos marechaes de França e 10 generais de divisão, entre os quais se contará o chefe do estado maior general; que será este quem dirige o estado maior do exercito e exerce a sua acção sobre as direcções das diversas armas e serviços em tudo que diga respeito à organização e instrucção das tropas, mobilização, armamento, organização defensiva do territorio e constituição dos aprovisionamentos de guerra.

O chefe do estado maior general, auxiliar immediato do vice-presidente do Conselho superior de guerra (o futuro generalissimo), fica agora tendo latas e importantes atribuições.

Durante o ano de 1920 o Conselho superior de guerra é constituído por generais de divisão que se notabilizaram na guerra: Humbert, de Maistre, Berthelot, Guillaumat, Nivelles, Debeney, Mangin, de Boissandy, Degoutte e Buat: desempenhando este ultimo as funcções de chefe de estado maior general.

Entre os marechais figuram: Joffre, Foch e Petain, que é o futuro generalissimo.

É dentre os 10 generais de divisão que são escolhidos os futuros comandantes de grupos de exercito e de exercito.

Dos actuais 13 membros do Conselho superior de guerra, 9 pertenceram à arma de infantaria, 3 proveem da artilharia e 1 de engenharia.

Ainda é para notar que 10 teem o curso da escola superior de guerra, e a maior parte teem sido distintos professores da mesma escola.

Foram professores da escola superior de guerra:

Pétain, foi professor de táctica de infantaria em 1904; Buat, foi professor de estrategia e táctica geral, assim como o foi Foch, cujas lições publicadas em 1903-1904, tinham já tornado muito conhecido o illustre professor, e que devia depois ser o grandé vencedor dos alemães; Debeney foi também um distinto professor e é actualmente o director da escola superior de guerra; de Maistre, professor de táctica na mesma escola, tinha já o seu nome consagrado nas suas lições de táctica aplicada; Guillaumat fora também outro notável professor.

Vê-se, portanto, que os que tinham sido notáveis na regencia das suas cadeiras na escola superior de guerra, se notabilizaram também nos campos de batalha, e mais uma vez ficou demonstrado que a guerra se aprende nos livros, no remanso do gabinete, na análise dos factos historicos, como já o afirmára e provára Napoleão Bonaparte.

A este respeito, disse o general Pierron: «*C'est surtout par ses propres travaux, c'est par la lecture assidue des ouvrages les plus profonds sur les sciences, sur la legislation, sur l'histoire que Napoléon se préparait à ses brillantes destinées. Malgré sa supériorité, il a dû longuement étudier les matières dans lesquelles il se montra maître plus tard; pendant plusieurs années il n'a cessé de lire et de méditer les ouvrages les plus profonds; il s'est formé par le travail, par la solitude et par la méditation. Les mathématiques, la fortification, l'attaque et la défense des places, mais par dessus tout l'histoire, occupaient tous ses moments.*»

## Inglaterra

**Reorganização das forças aereas.**—Foi recentemente aprovada uma proposta apresentada pelo chefe dos serviços aereos reorganizando as forças aereas. A reorganização deverá estar completa num periodo de tres anos. No fim do trienio as forças aereas britannicas serão constituídas por:

I—Na Grã-Bretanha:

Forças de ataque.....	4	flotilhas
Grupos de instrução (com 2 a 3 flotilhas cada um).....	6	»
Forças em cooperação com o exercito.....	2	»
Forças em cooperação com a marinha.....	5	»
Serviços de comunicações.....	1	»
Dirigiveis.....	1	estação



## II—No Ultramar:

Na Índia.....	8 flotilhas
No Egipto.....	7 »
Na Mesopotamia.....	3 »
Em Malta (hidroplanos).....	1 »
Na Alexandria (hidroplanos).....	1 »

Dever-se-há também dar maior desenvolvimento às estações experimentaes, aos depositos de reparações, às escolas de vôo e tecnicas, aos centros de instrução dos officiaes e demais pessoal.

**Estações radio-telegráficas de grande velocidade de transmissão.**—Em Woolwich foram feitas experiências junto do Instituto experimental de sinalização, tendo-se conseguido enviar despachos radio-telegraficos com a velocidade de 100 palavras por minuto, empregando para isso o transmissor tipo Wheatstone. As primeiras experiências foram realizadas entre Woolwich e Bedford em julho de 1919, conseguindo-se então uma velocidade de 62 palavras por minuto.

Empregando-se depois instrumentos mais aperfeiçoados, conseguiu-se transmitir extensos despachos entre Woolwich e Weymouth: um com 2.017 palavras em 30 minutos; outro, com 901 palavras em 8 minutos; e 379 palavras em 4 minutos.

Espera-se aumentar ainda mais a velocidade de transmissão.

## Romenia

**As perdas da Romenia na Grande Guerra.**—Esta nação, que foi uma das victimas da traição da Russia, teve perdas importantes durante a guerra a que foi impelida pelas nações aliadas.

Tendo uma população de 7.500.000 habitantes, perdeu cerca de um milhão de homens.

O exercito romeno teve 300.000 mortos, sendo 240.000 no campo de batalha e nos hospitais militares e 60.000 no cativeiro.

Teve mais de 20.000 mutilados. A população civil tambem foi cruelmente dizimada, quer pelos bombardeamentos, quer pelos assassinatos cometidos pelos inimigos (especialmente bulgaros), quer pelas doenças motivadas pela fome e epidemias. Estas perdas são já avaliadas em 440.360 mortos, faltando ainda apurar as perdas de 3 distritos. Como se vê, os horrores da guerra fizeram-se aí sentir cruelmente.

Se agora atendermos às devastações feitas nos campos, às destruições de gado e das máquinas de diversa espécie, aos incendios de povoações, às destruições sistematicas nas minas de petroleo, às contribuições forçadas, à aniquilação das industrias, à suspensão do commercio, poderemos talvez imaginar um quadro aproximado da miseria em que foi lançada a Romenia, e da crise que terá de atravessar ainda nos proximos anos.

A Dobrudja especialmente foi transformada quasi num deserto.

O tratamento dos prisioneiros romenos na Alemanha foi o mais desumano que se pode imaginar. Quando chegou o outono de 1917 já 36,8 %

dos prisioneiros tinham morrido e 31,4 % estavam doentes nos hospitais. Só restavam 31,8 % válidos! Dos prisioneiros internados na Turquia, 50 % morreram de epidemias. Os que porém foram levados pelos bulgaros sofreram as mais cruciantes torturas que seja possível imaginar. Os ingleses que percorreram a Romenia consideram os sofrimentos desta nação ainda superiores aos da Belgica.

### Diversos

Até aqui um dos inconvenientes do telefonio consistia em permitir que fosse surpreendida a conversação num ponto qualquer da linha pela intercalação de um aparelho receptor.

Diversas tentativas se tem feito para tornar invioláveis as comunicações transmitidas pelo fio telefonico. Parece porém que o capitão francês Poirson de engenharia, resolveu o problema.

Este official, observando que as vibrações, que produzem no diafragma do receptor choques suficientemente energicos para serem perceptíveis ao ouvido, e que permitem a recepção de um despacho por meio do alfabeto Morse, são porém incapazes de transmitir a voz humana, orientou os seus trabalhos de modo a deformar sistematicamente no ponto de origem as vibrações que produz o aparelho transmissor. Assim se pode enviar pela linha um despacho deformado, e de modo que na estação receptora se possam transformar as vibrações como se produziram na emissão, de modo a poderem ser decifradas com um receptor telefónico ordinário. Desta forma, um despacho interceptado torna-se ininteligível para quem o queira escutar, e só pode ser decifrado na estação para onde fôr dirigido, e em que haja um aparelho capaz de destruir o efeito deformador produzido pelo da estação emissora. Para realizar a deformação é necessário inverter as ondas periodicamente. As experiências tem mostrado que a frequência grande nas inversões e a pequena duração dos intervalos invertidos, contribuem para produzir uma maior confusão nos despachos transmitidos.

Até uma frequência de 100 periodos por segundo, as palavras são completamente intelligíveis; mas a partir deste ponto, vão perdendo a clareza à medida que aumenta o numero de periodos, de sorte que, ao atingir 400, as palavras são completamente deformadas.

A reconstituição da corrente original obtem-se por meio de um perfeito sincronismo entre os movimentos de deformação e de reformação, produzido nos aparelhos colocados nos dois extremos da linha.

O elemento principal do aparelho deformador consiste num comutador rotativo que produz a inversão da corrente.

Entre Paris e Bordeus, estações separadas por 615 km. tem sido feitas experiencias muito satisfatórias.

Por enquanto os diferentes elementos do aparelho Poirson não são do dominio publico.

V. C.

# CRÓNICA MARITIMA

## Alemanha

**A disciplina da nova marinha**—Segundo uma notícia publicada no número de Maio, da *Revue Maritime*, o golpe de Estado de von Kapp veio pôr em evidência o estado precário em que se encontra a disciplina nos grandes Centros navais da Alemanha. As informações espalhadas nessa ocasião pela imprensa periodica faziam supor que à marinha coubera o principal papel no movimento revolucionário e que os marinheiros se haviam apresentado com a maior correcção, obedecendo e acatando respeitosamente as ordens dos seus officiaes. Agora aparece o almirante Hollweg revelando os actos de profunda indisciplina que ocorreram em Wilhemshaven, onde o comandante superior não logrou manter na ordem, não obstante as diligências feitas, os seus subordinados, officiaes inferiores e mestrança do Arsenal. O almirante Hollweg, depois do que succedeu, só considera possível a restauração da ordem e da disciplina na marinha alemã, que sob estes pontos de vista foi verdadeiramente modelar até 1914, reconstituindo desde os fundamentos uma pequena armada noutros portos, que não sejam aqueles que hoje estão contaminados pela peste revolucionária, e chamando para a dirigir nessa espinhosa tarefa o almirante von Scheer. A propósito d'este official e do assunto esboçado nestas linhas, será talvez interessante observar que no livro por ele publicado sobre a acção da *Armada de Alto Mar*, cuja tradução inglesa acaba de vir a publico, se referem vários successos em que a disciplina da marinha imperial foi submetida ás mais rudes e dolorosas provas sem fraquejar, ainda muito tempo depois do comêço da guerra.

A história da marinha alemã destes últimos anos é profundamente instructiva, porque patenteia da forma mais evidente quanto é fácil e rapida a destruição da disciplina, mesmo nos organismos onde foi melhor cultivada, e quanto é demorada e difficil a tarefa de restabelecê-la nas corporações que uma vez a abandonaram.

## Estados Unidos

**As suas aspirações navais.**—Os Estados Unidos da America encontram-se actualmente numa situação muito bizarra. Sendo no presente a 2.<sup>a</sup> potência maritima do mundo e aspirando a vir a ocupar o primeiro lugar em breves anos, não conseguem já agora obter o pessoal necessário para guarnecer completamente os seus numerosos navios de guerra e mais tarde, continuando as cousas no mesmo pé, as difficuldades tornar-se-hão natural-

mente insuperáveis. É por este motivo, talvez, que a Inglaterra não se mostra alarmada com o desenvolvimento da marinha americana, que daqui a cinco anos estará, pelo que se refere a material, em pé de igualdade com os ingleses, contrapondo os seus 27 navios capitais aos 29 da Gran Bretanha. Esta ao que se diz, confia na boa organização e desenvolvimento das suas indústrias navais para naquela data recomeçar a luta e readquirir o ascendente.

Ora, se debaixo do ponto de vista da aptidão para o mar a Inglaterra goza de incontestável superioridade em relação à America, a sua superioridade industrial não se torna da mesma forma evidente e, assim, aquela segurança poderá vir a ser inteiramente anulada; e se os Estados Unidos conseguirem debelar a crise do pessoal que os aflige, quem sabe se a Inglaterra, depois de ter renunciado à política do *two power standard*, se verá obrigada a apelar-se do trono que tem ocupado ha seculos.

Em 1925 os Estados Unidos e o Japão poderão opôr 41 navios capitais aos 29 que a Gran Bretanha possuirá.

## França

**Escola Superior.**—Segundo o *Moniteur de la Flotte*, de 29 de Maio o regulamento para a admissão de oficiais no curso de guerra naval, será em breve modificado; no entretanto as condições a que deverão satisfazer os candidatos à Escola Superior no ano de 1921, foram fixadas pelo Ministro da seguinte forma: *capitães tenentes*, três anos de embarque desde a promoção a primeiros tenentes, sendo um no comando de navios armados; *primeiros tenentes*, dois anos de embarque desde a promoção a este posto.

Pela mesma disposição ministerial foram igualmente postas em vigor as provas de admissão constituídas por um trabalho escrito, à escolha do candidato e por um exame oral; estes trabalhos devem versar sobre organica ou utilização das armas.

**Direito internacional marítimo.**—Na *Revue Maritime*, número de Maio, começou Mr. Charguéraud Hartmann, juriconsulto do Ministerio da Marinha, a publicação dum interessante estudo sobre este assunto, a que mais tarde nos referiremos.

## Inglaterra

**Demora no serviço do cabo submarino.**—O mau serviço do cabo submarino, está produzindo graves transtornos ao tráfego marítimo o que na presente ocasião, com a grande falta de transportes com que se luta em todo o mundo, se torna muito sensível. Ultimamente um telegrama expedido de New York, em 24 de abril, só foi recebido em Londres duas semanas depois, em 8 de Maio. Felizmente já hoje podemos contar, para comunicarmos com vários sitios, com alguma cousa mais do que o *velho e ronceiro* cabo submarino.

# BIBLIOGRAFIA

## I—LIVROS

### Portugal

- 1 Osório (Paulo). Quando estavamos em guerra—O que se desconhece ainda sobre os soldados portugueses em França. Lelo & Irmão, editores, Porto, 1920. Um vol. in 8.º, 180 p.

### Inglaterra

- 1 BELLAIRES (Commander Carlyon) The Batle of Jutland. The Sowing and the Reaping. Royal 8vo, pp. 327. *Hodder & S.* n.º 12/  
 2 BISHOP (K. C. W.) A Kut Prisoner. Cr. 8vo, pp. 260. *J. Lane* n.º 6/6  
 3 BLOCKSIDE (Ernest W.) Ships' Boats. Their Qualities, Construction, Equipment, and Launching Appliances. 8vo, pp. 516. *Longmans* n.º 25/  
 4 BOND (A. Russell) Inventions of the Great War. Illustrated. Cr. 8vo, pp. 358. *T. Werner Laurie* n.º 8/  
 5 BROWNING (Rear-Admiral Sir Douglas), Bt. Indiscretions of the Naval Censor. 8vo, pp. 280. *Cassell* n.º 12/  
 6 BROWN's Signalling. How to Learn the International Code Cr. 8vo, pp. 134. *J. Brown.* n.º 5/  
 7 BUCHANAN (Meriel) Petrograd. The City of Trouble. 1914-1918. Cr. 8vo, pp. 262. *Collins* n.º 3/6  
 8 COMPLETE Guide to a Second-Class Army School Certificate. «Gale & Polden's Military Series.» Cr. 8vo, swd., pp. 64. *Gale & P.* n. 1/  
 9 COMPLETE Guide to a Third-Class Army School Certificate. «Gale & Polden's Military Series.» Cr. 8vo, swd., pp. 32. *Gale & P.* n. 9d  
 10 DERBY (Richard) «Wade In, Sanitary!» The Story of a Division Surgeon in France. Gr. 8vo, *Putnan.*  
 11 DOWNING (W. H.) Digger Dialects. Cr. 8vo, pp. 60. *Lothian Book Pub. Co.*  
 12 ELLIS (Capt. A. D.) The Story of ths Fifth Australian Division. Wit. a Foreword by Marshal Foch. Royal 8vo, pp. *Hodder & S* n. 15/  
 13 FULLER (Brevet-Col. J. F. C.) Tanks in the Great War. 1914-1918. 8vo, pp. 355. *J. Murray* n. /21  
 14 GAULT's (Padre) Stunt Book, Bi Chaplain Lt-Gol James A. Gault. Gr. 8vo, pp. 190. *Epworth Press* n. 5/  
 15 GERVIS (H.) Arms and the Doctor. Being the military experiences of a middle aged medical man. Cr. 8vo. pp. 86 *Daniel* n. 2/6

- 16 GIBBS (Major A. Hamilton) *The Grey Wave* 8vo, pp. 2.8. *Hutchinson*  
n. 10/6
- 17 GOLDSMID (Cyril H.) *Diary of a Liaison Officer in Italy, 1918.* Cr. 8vo,  
pp. 185 *Willians & N.* n. 7/6
- 18 HODY (Major E. H.) With «the Mad 17<sup>th</sup> to Italy, 8vo pp. 160. *G.*  
*Allen & U.* n. 10/6
- 19 LOCKHART (Capt. J. G.) *Palestine Days and Nighs. Sketches of the*  
*Campaign in the Holy Land.* Cr. 8vo, pp. 150. *R. Scott* n. 5/
- 20 MAC-VEAG (Ewen C.) and BROWN (Lee D.) *The Yankee in the British*  
*Zone. With a Foreword by Major-Gen. L. Wood.* Cr. 8vo. *Putnam*  
n. 10/
- 21 MONASH (Lt. Gen. Sir John) *The Australian Victories in France in*  
*1918.* Royal 8vo, pp. 360. *Hutchinsod* n. 24/
- 22 NOBLE (Edward) *The Naval Side.* 8vo. *C. Palmer & Hayward* n. 7/6/
- 23 REPORT of the Chief Signal Officer to the Secretary of War (U. S. A),  
1919. Cr 8vo, pp. 547. *Supt. of Documents (Washington, D. C.)*
- 24 VICTORY. Edited by Geo. Robey, C. B. F. Folio, swd, pp. 122. «*Bli-*  
*ghty» Office.* n. 2/6
- 25 VOLUNTEER Force and the Volunteer Training Corps During the Great  
War (The) Cr. 8vo, swd. *P. S. King* n. 1/6
- 26 WILSON (H. W.) *Hush, or the Hydrophone Service.* 8vo, pp. 196.  
*Mils & B.* n. 8/9
- 27 WYKEHAMIST War Service Roll. Cr. 8vo, pp. 244. *P & G. Mells*

## II — PERIODICOS

### Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 1 e 2 de Janeiro e Fevereiro de 1920. Salvamento do «Desertas». Memórias de arqueologia naval portuguesa. Notas para os serviços administrativos das forças de marinha operando em terra. Fórmulas do triângulo da posição. A grande Armada. N.ºs 3 e 4 de Março e Abril, número especial de homenagem à memória do Almirante Campos Rodrigues.
- 2 *O Instituto*, n.º 3 de Março e 4 de Abril de 1920. Comemorando a paz. O esforço militar português. Cartas autógrafas. Mariana Alcoforado. Terras de Odiana.
- 3 *O Oriente Português*, n.ºs 11 e 12 de Novembro e Dezembro de 1919. O Ouvidor Geral Antonio de Macedo. Goa Antiga.
- 4 *Revista de Artilharia*, n.ºs 185 e 186 de Novembro e Dezembro de 1919. Notas da guerra. Os obuses ingleses de 6 e 8 polegadas. Apontamentos sobre a artilharia pesada francesa durante a guerra. Os projectores foto-electricos.

### Argentina

- 1 *Revista Militar*, n.º 231 de Abril de 1920. Infanteria. La Paloma Mensajera. Teoria psicológica del adiestramiento de la unidade de combate.

## Brasil

- 1 *Boletim do Club Naval*, n.º 8 de Março de 1920. A radiogonometria e suas applicações. Notas sôbre a resistênciã dos meios. Bases de operações.
- 2 *O Tiro de Guerra*, n.ºs 2, 3, 4 e 5 de Fevereiro a Maio de 1920. O meu sorteado. Coronel Isidro de Figueiredo. O exército e a magna questão nacional. Patriotismo e Humanidade.
- 3 *Revista dos Militares*, n.ºs 116, 117 e 118 de Fevereiro a Abril de 1920. Remonta. Os factos morais da Grande Guerra. Aquidaban. Os beneficios do sorteio. Sorteio militar. O papel social dos grandes exércitos.

## Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia*, n.º 92 de Fevereiro de 1920. La aviación y la caballeria. Marchas y tiro. Instruccion de equitación. La flota del Pacifico.

## Cuba

- 1 *Boletim del Ejercito*, n.ºs 48, 49, 50 e 51 de Fevereiro a Maio de 1920. Nuestra Batalla del Argone. El Gas en la defensa. Granada de mano defensiva automatica. Instruccion y adiestramiento de las fuerzas de caballeria.

## Espanha

- 1 *Memorial de Artilleria*, n.ºs 3 e 4 de Março e Abril, 5 de Maio e 6 de Junho de 1920. Disquisiciones balisticas. Las fortificaciones permanentes belgas, durante la guerra de 1914-1918. Memoria sôbre las experiencias de arrastre verificadas por el 2.º batallon de posición en el mes de junio de 1919. Congresso Nacional de Ingenieria: En pro de la fabricaci3n nacional. — Dos Escuelas industriales mas. Baterias y grupos. Automovilismo militar: Algunas enseñanzas de la guerra. Aviación: Resistencia pasiva. Progresos de la contabilidad industrial en los Estados Unidos da America. La correccion por situacion en el tiro de la artilleria pesada y de posición.
- 2 *Memorial de Caballeria*, n.ºs 47 de Maio e 48 de Junho de 1920. Orientaciones de la Caballeria en Francia. Voz de alarma. Ona ojeada por las grandes paginas de la Historia. Potencia de fuego, o potencia de maniobra? Producci3n de sementales. Explosivos. Protecci3n à los animales en campaña.
- 3 *Memorial de Infanteria*, n.ºs 100 de Maio e 101 de junho de 1920. Infantes ilustres. Definitivas y fundamentales enseñanzas de la pasada guerra. Origen del desastre militar rumano. Ligeras observaciones al Reglamento tactico de Infanteria. Cartas sôbre tactica. Sôbre tactica de ametralladoras. El Oficial como educador de voluntades y conducto de hombres. Labor educadora. La organizacion y los dispositivos de combate de la Infanteria en la gran guerra.

## França

- 1 *La Revue d'Infanterie*, n.ºs 332 e 333 de Maio e Junho de 1920. La Revue d'Infanterie à ses lecteurs. L'Infanterie. L'effort militaire accompli au cours de la Grande Guerre. — La part de l'infanterie : ses effectifs et ses pertes. Etude synthétique de l'évolution de l'armement, de l'organisation et des procédés de combat de l'infanterie au cours de la guerre. La tactique offensive allemande em 1918. — Ses méthodes d'exécution.
- 2 *Revue militaire générale*, n.ºs 4 e 5 de Abril e Maio de 1920. A propos de la première entrée des Français à Mulhouse. L'action de la cavalerie em Lorraine (août-septembre 1914). La cavalerie et le service d'un an. Les variations du plan de guerre allemand de 1871 a 1914.

## Salvador

- 1 *Boletim del Ministerio de Guerra*, n.ºs 58 e 59 de Outubro e Novembro de 1920. Duelo de la Nacion Salvadoreña por el fallecimiento del Señor ex- Presidente don Carlos Melénder. Reglamento Organico de la Escuela Politécnica Militar.

# EXPEDIENTE

## CONDIÇÕES DA ASSINATURA

### PAGAMENTO ADEANTADO

#### Portugal e Colonias

	Ano	Semestre	Trimestre
R. M. com O. E. ou B. M. C. ou O. A. ....	2\$80	1\$50	\$85
R. M. com O. E. e B. M. C. )	3\$80	2\$00	1\$10
R. M. com O. E. e O. A. )			
R. M. com B. M. C. e O. A. )			
R. M. com O. E.—B. M. C. e O. A. ....	4\$80	2\$50	1\$35

Numero avulso da *Revista Militar* \$39

#### Estrangeiro

R. M. com O. E. ou uma das outras publicações...	3\$80
Numero avulso da <i>Revista Militar</i> .....	\$40

Para Portugal não se aceitam assinaturas por periodo inferior a trimestre, nem *desistencia de assinaturas* senão no fim de cada trimestre civil, devendo os assinantes *avisar com antecedencia* até 31 de Dezembro ou Março e 30 de Junho ou Setembro.

Para as Colonias não se aceitam assinaturas *por menos de 6 meses*, e para o estrangeiro *por menos de 1 ano*, sob condições identicas ás indicadas para Portugal. A correspondencia registada custa mais \$72 por ano ou \$06 por mes

**Não se aceitam assinaturas que não incluam a Revista Militar.** A *Ordem do Exercito*, *Ordem da Armada* e *Boletim Militar das Colonias* vendem-se na séde da *Revista* em numeros avulsos ou por colecções anuais, a preços variáveis conforme o numero de paginas.